

Comunicação para Diversidade e Impacto Social: metodologias ativas para um processo de ensino-aprendizado crítico¹

Fernanda Nascimento²

Kim Gesswein³

Deivison Moacir Cezar de Campos⁴

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

RESUMO: Promover um processo reflexivo sobre temáticas de gênero e interseccionalidades é um desafio da contemporaneidade. Na universidade, a inclusão das discussões é uma responsabilidade acrescida da necessidade de engajar estudantes em suas distintas vivências e saberes profissionais. Para contribuir neste debate, o presente artigo propõe a discussão das metodologias ativas utilizadas na disciplina de “Comunicação para Diversidade e Impacto Social”, da matriz curricular da Escola de Comunicação Artes e Design - Famecos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Além da exposição das metodologias, o texto propõe uma reflexão sobre a necessidade de novas maneiras de debater conteúdos para uma formação mais crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Estudos de Gênero; Metodologias ativas; Interseccionalidades; Impacto Social.

1 INTRODUÇÃO

Em um cenário de ofensivas antigênero transnacionais (Correa, Prado, 2018), crescimento do neoliberalismo, xenofobia, homofobia, racismo e de emergência climática, os desafios da docência universitária se tornam ainda mais complexos. Assim, a dimensão da responsabilidade social universitária torna-se uma premissa para enfrentar um cenário de desigualdades estruturais, pois além do ensino, pesquisa e extensão as instituições devem “desenvolver mentes humanas proativas para o pleno exercício da cidadania” (Ribeiro, Magalhães, 2014, p. 135).

O avanço de políticas anti-Diversidade, Equidade e Inclusão nos Estados Unidos, com restrições a programas de diversidade em órgãos públicos e universidades⁵ evidencia como disputas políticas afetam diretamente os direitos conquistados de

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências Humanas, professora da Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: fn.imprensa@gmail.com.

³ Doutorando em Comunicação Social, professor da Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: kingesswei@gmail.com.

⁴ Doutor em Ciências da Comunicação, professor da Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: deivison.campos@pucrs.br.

⁵ REUTERS. US warns public schools of legal action, withholding funds over DEI. 2025. Disponível em: <https://encurtador.com.br/ZF3f6/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

grupos minorizados. Esse cenário reforça a urgência de formar profissionais capazes de atuar criticamente frente a retrocessos institucionais e seus efeitos simbólicos e sociais.

No campo da Comunicação, os diferentes cursos e saberes são, cada vez mais, convocados a contribuir para as soluções dos problemas sociais contemporâneos. Isso relaciona-se com o entendimento de que a Comunicação constrói o comum e, por suas características epistemológicas, possibilita uma redescritção dos conhecimentos (Sodré, 2017). O resultado é um movimento gradual de incorporação no processo de formação de disciplinas voltadas para as discussões de problemas sociais brasileiros como os estudos de gênero e interseccionalidades (Gonçalves, 2019).

Observa-se igualmente nos últimos anos um intenso debate sobre o processo de institucionalização na área da Comunicação um debate mais sistematizado sobre diversidade e diferença, passado pelas entidades do campo, como o encontro da intercom em 2018 que teve como tema “Desigualdades Gênero e Comunicação” e o encontro da Compós em 2025, que discutiu em torno do tema “Diversidade de Vozes e Políticas Afirmativas na Comunicação”. Encontros, dossiês, eventos específicos e a maior presença da diferença principalmente entre discentes possibilitaram um contexto de demanda do ensino mais sistematizado, assim como as questões sociais já referidas.

Todas essas mudanças que transformam os cenários social, acadêmico e profissional contribuíram para a criação da disciplina de “Comunicação para a Diversidade e Impacto Social”, componente da matriz curricular de cursos da Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos em 2023. A disciplina surge no contexto de novo ciclo de Programa de Desenvolvimento Institucional da PUCRS e da criação de uma linha de pesquisa no Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Famecos sobre Comunicação, Políticas dos Corpos e Interseccionalidade.

Considerando o contexto social e institucional, no presente artigo apresentamos uma discussão sobre as estratégias metodológicas ativas da disciplina e as contribuições para uma formação engajada, crítica e capaz de desenvolver produtos comunicacionais de impacto social. O texto está subdividido em três seções: a primeira expõe o processo de construção da disciplina e sua inserção no ambiente universitário; posteriormente, são apresentadas as metodologias ativas; e, por fim, as relações entre as estratégias empregadas e a formação estudantil.

1 Impacto Social na universidade

A preocupação com as temáticas de diversidade está presente em universidades públicas e privadas. Na PUCRS, instituição na qual se desenvolve a disciplina analisada neste estudo, a responsabilidade social figura como eixo transversal das políticas universitárias, expressa na visão institucional: “ser uma nova universidade para uma nova sociedade, reconhecida pelo seu impacto e relevância” (PUCRS, 2025, p.13).

Essa intenção se desdobra em ações concretas. Segundo o Relatório de Sustentabilidade 2023, a universidade destinou R\$ 67,8 milhões em crédito educativo e financiamentos próprios, beneficiando 2.010 estudantes, além da oferta de 2.463 bolsas pelo Programa Universidade para Todos (ProUni). Essas políticas de inclusão refletem o perfil diverso do corpo discente de uma instituição privada, comunitária e sem fins lucrativos. Na última pesquisa sobre o perfil do aluno, de 2022, 51,5% dos estudantes de primeira graduação da universidade afirmaram possuir bolsas ou financiamento estudantil. Destacam-se os bolsistas do ProUni, que representam 21,2% do total. Os dados expressam avanços importantes, sobretudo no acesso estudantil, contudo ainda há caminhos a serem trilhados para que a diversidade se amplie em todas as esferas da universidade. O debate e a reflexão sobre a ampliação da pluralidade nos espaços acadêmicos permanecem como horizontes imprescindíveis.

A disciplina “Comunicação para Diversidade e Impacto Social” compõe a matriz curricular da Escola de Comunicação, Artes e Design e é obrigatória nos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Comunicação Empresarial e Relações Públicas. Inserida em uma proposta pedagógica que articula formação crítica, responsabilidade social e prática extensionista, a disciplina possui duas turmas - manhã e noite, e atualmente é lecionada pelos autores Fernanda Nascimento e Kim Gesswein.

A ementa prevê a abordagem de conceitos e práticas de diversidade e inclusão, articulando-os às dinâmicas comunicacionais em organizações, projetos sociais, comunitários, do terceiro setor e da indústria criativa e problematizando a normalização da transformação das diferenças em desigualdades. Ao longo do semestre, os estudantes são provocados a refletir criticamente sobre temas como identidade, diferença, interseccionalidade, gênero e questões raciais, por meio de textos teóricos e de exercícios que aproximam teoria e prática. A proposta articula aulas expositivas, dinâmicas de debate e atividades orientadas que estimulam a análise de discursos e

estruturas sociais, ao mesmo tempo em que instrumentalizam os estudantes para o desenvolvimento de propostas comunicacionais com foco em impacto socioambiental.

Este ano, a organização da disciplina contou com o acréscimo do desenvolvimento de atividades práticas em parceria com duas escolas públicas de um dos territórios mais vulneráveis de Porto Alegre: o Morro da Cruz. A partir de uma construção coletiva entre professores das instituições, estudantes da PUCRS e das escolas realizaram visitas técnicas e os universitários foram desafiados a desenvolver produtos de comunicação que contribuam na solução de problemas do território. A articulação coletiva amplia o escopo formativo da disciplina e fortalece seu papel como espaço de experimentação ética, política e social no campo da comunicação.

2 Metodologias ativas de ensino

A disciplina tem um plano de aulas que contempla discussões teórico-práticas ao longo de todo o seu desenvolvimento. Ancorada em um referencial teórico oriundo especialmente dos estudos de gênero, a disciplina é, grosso modo, dividida em dois eixos: a) construção teórica do conhecimento; e b) desenvolvimento de projetos de impacto social. O plano de aulas prevê uma articulação de diferentes abordagens: aulas expositivas e dialogadas sobre os temas previstos, somadas a metodologias ativas, que valorizam o protagonismo dos estudantes no processo de aprendizagem. Como explicam Bacich e Moran (2018), essas metodologias propõem uma reorganização do processo educativo, deslocando o foco da transmissão de conteúdos para a construção ativa do conhecimento pelo estudante. Essa abordagem favorece a aprendizagem por investigação, descoberta e resolução de problemas, ao estimular a autonomia, o pensamento crítico e a articulação entre teoria e prática em situações reais.

Ao promover atividades baseadas em situações reais, a disciplina estimula os estudantes a aplicar saberes teóricos em práticas que exigem escuta, análise crítica e compromisso com a transformação social. A atuação junto a duas escolas públicas do Morro da Cruz, já mencionada anteriormente, exemplifica como essas metodologias contribuem para aproximar a universidade de territórios marcados por desigualdades, potencializando a formação de pessoas de comunicação mais éticas, reflexivas e comprometidas. Neste artigo, discutimos especialmente quatro metodologias utilizadas:

“Linguagem e Sinônimos”, “Conjuntos matemáticos e interseccionalidade”, “Calçando o Sapato do Outro” e “Resolução de Problemas”.

Tabela 1: Metodologias ativas

Comunicação e Cultura: identidade e diferença Leitura indicada: Silva, 2000. Exercício: Linguagem e sinônimos	Diversidade e questões de sexualidade Leitura indicada: Rubin, 2017 Exercício: Calçando o sapato do outro
Diversidade e questões étnico-raciais Leitura indicada: Collins, 2017. Exercício: Conjuntos matemáticos e interseccionalidade	Resolução de problemas Exercício: Desenvolvimento de projeto e execução de produto de comunicação com impacto social

Fonte: Os autores, 2025

2.1 Linguagem e sinônimos⁶

No campo da Comunicação, abordar diversidade, identidade e estruturas de poder exige mais do que transmitir conceitos. É necessário propor experiências pedagógicas que desafiem pressupostos naturalizados, desloquem percepções cristalizadas e estimulem escuta ativa e pensamento crítico. As noções de identidade e diferença ajudam a compreender como categorias sociais são historicamente produzidas e mobilizadas nas relações de poder.

Em uma perspectiva dos estudos culturais, propõe-se um rompimento com visões essencialistas e compreensão de que a identidade é uma construção discursiva originada na diferença (Silva, 2000). Esses conceitos são explorados no exercício “Linguagem e Sinônimos”⁷, em que estudantes listam palavras comuns usadas para nomear sujeitos em marcadores sociais de gênero, raça e sexualidade. A atividade revela termos pejorativos do vocabulário cotidiano, gerando desconforto imediato. Esse incômodo é pedagógico, pois evidencia como a linguagem reforça e legitima exclusões. Ao final, os grupos apresentam seus quadros e compartilham reflexões, muitas vezes reconhecendo como certas palavras ofendem, mesmo sem intenção explícita.

A atividade possibilita compreender o que Silva (2000) chama de força da identidade normal, vista como neutra, universal e, por isso, invisibilizada. A linguagem não apenas descreve, mas também produz identidades e sustenta regimes de poder. Interrogar identidade e diferença implica questionar os sistemas de representação. Ao

⁶ Elaborada por uma das autoras do artigo, Fernanda Nascimento, e pela prof. dra. Marcia Veiga da Silva. Utilizada nas atividades do extinto coletivo Gemis e em aulas da disciplina de Jornalismo e Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina (Bertasso, Nascimento, Gustafsson, 2020).

⁷ Por lidar com termos potencialmente sensíveis, recomenda-se que o exercício “Diferença e Linguagem” seja conduzido com cautela. Recomenda-se também que a(o) docente avalie previamente, de forma discreta, possíveis impactos em estudantes pertencentes a grupos minorizados, com o intuito de evitar gatilhos emocionais ou situações de exposição indesejada.

tornar visíveis os mecanismos linguísticos que classificam e hierarquizam sujeitos, a prática do exercício favorece uma escuta ética e crítica, essencial à formação comunicacional em contextos marcados por disputas simbólicas e desigualdades.

2.2 Interseccionalidade e conjuntos matemáticos⁸

O conceito de interseccionalidade é uma das bases da disciplina. Tributário do movimento negro norte-americano, com precedentes históricos na luta e construção intelectual de mulheres como Sojourner Truth e Angela Davis, o conceito de interseccionalidade é imprescindível para compreender as articulações entre opressões.

O debate sobre interseccionalidade está inserido na aula sobre “Diversidade e questões étnico-raciais” e é um dos fundamentos para as discussões posteriores, na medida em que, “os paradigmas interseccionais nos lembram que a opressão não é redutível a um tipo fundamental, e que formas de opressão agem conjuntamente na produção da injustiça” (Collins, 2019, p. 57). A metodologia empregada nesta aula articula diferentes estratégias: aula expositiva e dialogada sobre os antecedentes históricos do termo “interseccionalidade”, a apresentação dos significados e disputas em torno do conceito e, por fim, um exercício sobre conjuntos matemáticos.

Figura 1: Interseccionalidade e conjuntos matemáticos

Num conjunto C de pessoas considere-se os diferentes subconjuntos:

$C = \{a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p\}$

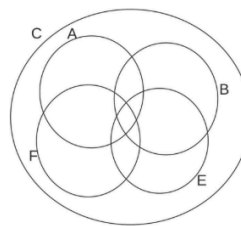
$A = \{x/x \text{ é uma mulher}\} = \{a, c, e, f, h, j, l, m, n\}$

$B = \{x/x \text{ é uma pessoa negra}\} = \{b, c, f, j, l, m, n, o\}$

$E = \{x/x \text{ é uma pessoa de classe popular}\} = \{a, c, d, i, j\}$

$F = \{x/x \text{ é uma pessoa homossexual}\} = \{b, f, p\}$

- 1) Quem são as mulheres negras do grupo?
- 2) É possível identificar pessoas que detêm privilégios de gênero, raça, classe e sexualidade?
- 3) É possível identificar quem detém menos privilégios?
- 4) O que os dados dizem sobre c?
- 5) O que os dados dizem sobre d?
- 6) Quem são os homens heterossexuais do grupo?



Fonte: Autores, 2025

O exercício proposto gera um debate acalorado entre os estudantes - inicialmente surpresos com o uso da matemática em uma aula do campo da comunicação. O objetivo da proposta é perceber a sobreposição de opressões - e também de privilégios - em diferentes corpos. Além de debater a binariedade do olhar.

2.3 Calçando o sapato do Outro⁹

⁸ Atividade elaborada por uma das professoras da disciplina, Fernanda Nascimento.

⁹ Atividade criada pela professora Alinne Bonetti (UFSC) e adaptada por Fernanda Nascimento.

Refletir sobre a diversidade sexual e as maneiras pelas quais construímos normatividades, atribuindo privilégios ou sanções conforme as distintas práticas sexuais é uma das propostas da aula “Diversidade e questões de sexualidade”. A partir de autores como Michel Foucault, Eve Sedgwick e Gayle Rubin, a aula debate as diferentes construções da norma e das dissidências no campo de gênero e sexualidade.

Após um momento expositivo, os estudantes são divididos em grupos, com tipos sociais distintos, tais como “extraterrestres, prostitutas, deputados federais” - todos descritos a partir de estereótipos. Por exemplo, os turistas espanhóis são apresentados da seguinte forma: “Somos homens, turistas espanhóis, de férias no Brasil. Vivemos em Granada, no Sul da Espanha, e queremos conhecer outros locais. Nosso roteiro no Brasil inclui uma visita às Cataratas do Iguaçu e ao Rio de Janeiro. Queremos tomar caipirinha e ir ao carnaval”. Os grupos têm a mesma tarefa: analisar e descrever a figura abaixo:

Figura 2: Pessoa¹⁰



Fonte: Autores, 2025

O exercício tem o objetivo de promover a discussão sobre como os estereótipos produzem maneiras de enxergar as pessoas. Partindo de estereótipos sociais, os estudantes não conseguem descrever a imagem e apenas atribuem adjetivos - bons ou ruins de acordo com o grupo que consideram mais ou menos favorável à diversidade.

Em um segundo momento, a turma é informada de uma alteração em seu tipo social e todos tornam-se “Comunicadores”, com uma descrição mais próxima de sua própria identidade. Mesmo com o deslocamento, os estudantes prosseguem com a adjetivação da imagem e com uma dificuldade de descrição. A produção de adjetivos, a construção de histórias sobre o passado, presente e futuro de uma imagem desconhecida

¹⁰ A imagem é uma fotografia de Timothy Wilcots caracterizado de Latrice Royale. No exercício, os estudantes não são informados sobre a identidade e precisam refletir sobre o que a imagem, de fato, nos permite ver sem conhecer.

não é refletida na maioria das oportunidades. E a reflexão é desenvolvida sobre as maneiras como atribuímos sentidos aos sujeitos.

2.5 Resolução de problemas

A metodologia ativa de resolução de problemas foi aplicada na disciplina “Comunicação para Diversidade e Impacto Social” por meio da parceria com duas escolas públicas do Morro da Cruz, periferia de Porto Alegre. As turmas da manhã e da noite atuaram junto às escolas Morro da Cruz e Judith Macedo de Araújo (EJA), respectivamente. A aproximação foi precedida por encontros com direções e docentes das escolas, visando compreender contextos e levantar desafios comunicacionais. Em visitas técnicas, os estudantes da PUCRS dialogaram com professores, funcionários e estudantes das escolas, aprofundando o entendimento dos problemas vivenciados.

Na EMEF Morro da Cruz, o problema selecionado para o projeto foi: “Como conscientizar estudantes sobre os impactos da violência e do *bullying*, estimular formas alternativas de comunicação e contribuir para um ambiente escolar mais acolhedor?”. Já na EMEF Prof.^a Judith Macedo de Araújo, a questão foi: “Como atrair para o EJA as pessoas que abandonaram os estudos há muitos anos?”. Com base nessas demandas, as turmas desenvolveram propostas como produções audiovisuais, oficinas, campanhas, cartilhas e materiais gráficos, validadas pelas equipes pedagógicas e previstas para implementação entre julho e dezembro de 2025.

A experiência articulou teoria e prática, ampliando a escuta ativa e desenvolvendo competências ligadas à comunicação inclusiva e à responsabilidade social. Os desafios reais estimularam trabalho em equipe, decisões colaborativas e a experimentação de repertórios sensíveis às dinâmicas do território. Um ponto crítico identificado foi a ausência de escola de ensino médio na região, associada à evasão escolar. A temática será aprofundada em futuras turmas, com foco na mobilização de agentes públicos e comunitários pelo direito à educação básica completa.

5 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A implementação das metodologias ativas e dos exercícios apresentados ao longo deste artigo tem gerado resultados importantes na experiência da disciplina “Comunicação para a Diversidade e Impacto Social”. A utilização de exercícios e desenvolvimento de projetos teórico-práticos desloca os estudantes de suas percepções

prévias e os desafia a pensar sobre a construção do Outro, tanto como um sujeito no mundo, quanto como um profissional de comunicação.

Os resultados das produções desenvolvidas por estudantes demonstram o acerto das escolhas. Entre os produtos desenvolvidos pelos estudantes destacam-se: uma campanha de conscientização intitulada *Influencer* do Bem, com foco na valorização de comportamentos positivos no uso das redes sociais e dispositivos móveis. A iniciativa incluiu cartazes, vídeos com acessibilidade em libras, cartilhas para às famílias, postagens digitais, uma oficina com líderes de turma e até um jogo de tabuleiro com orientações lúdicas sobre ética digital.

Outro projeto de destaque, realizado junto a EMEF Judith Macedo de Araújo - já citada -, inclui o desenvolvimento de campanha audiovisual institucional, com acessibilidade em libras, e o desenvolvimento de templates para as redes sociais da escola. Ambos disponibilizados para uso dos profissionais da instituição de ensino¹¹.

Um desafio recorrente identificado nas edições da disciplina diz respeito à continuidade das ações, especialmente nas escolas municipais, onde as equipes pedagógicas podem mudar a cada ano letivo, dificultando o acompanhamento dos projetos em médio prazo. Ainda assim, essa limitação não compromete o impacto imediato das propostas, nem sua potência formativa junto aos estudantes.

A disciplina realiza atividades de cunho extensionista apesar de ainda não integrar este eixo oficialmente - o que deve ocorrer na implementação dos novos currículos dos cursos da Escola. Porém, a vivência extensionista já está presente e reafirma a força pedagógica das metodologias ativas na formação crítica e situada. Como sustenta Sandra de Deus (2020), os efeitos dessas intervenções vão além dos indicadores quantitativos, pois produzem aprendizagens que se manifestam na transformação de sujeitos e na construção de vínculos. Para a autora, o impacto social é possível “com a disponibilidade da comunidade universitária ao compreender que existem outros saberes - além daquele conhecimento construído no interior da academia - que nos ensinam” (De Deus, 2020, p. 62).

Nesse sentido, os vínculos estabelecidos com as escolas do Morro da Cruz ampliaram a escuta ativa dos estudantes, consolidaram competências comunicacionais voltadas à justiça social e potencializaram sua responsabilidade ética diante das

¹¹ Duas reportagens sobre as atividades estão publicadas em: https://www.youtube.com/@labj_famecos

desigualdades. Ao longo da disciplina, a articulação entre fundamentos teóricos, exercícios de análise crítica da linguagem, simulações interseccionais e desafios reais de resolução de problemas contribuiu para uma formação mais situada, sensível e comprometida com a transformação social. A vivência e presença dos estudantes na comunidade e os exercícios realizados buscaram romper a lógica abstrata do conteúdo e fortaleceram uma comunicação engajada com a realidade. Assim, a disciplina “Comunicação para Diversidade e Impacto Social” reafirma a potência das metodologias ativas como caminhos formativos, posicionando a comunicação como prática crítica diante das estruturas de exclusão e de combate às desigualdades.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José (orgs.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BERTASSO, Daiane, NASCIMENTO, Fernanda; GUSTAFSON, Jessica. Jornalismo e gênero: a emergência de uma disciplina e um relato de docência compartilhada. *Revista Estudos Feministas*, 28(2), 2020.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Parágrafo*. Jan/Jun, 2017. V. 5, nº1, 2017.

DEUS, Sandra de. Extensão universitária: trajetórias e desafios. Santa Maria, RS: Ed. PRE-UFSM, 2020.

PUCRS. Relatório de Sustentabilidade PUCRS 2023. Porto Alegre: PUCRS, 2024. Disponível em: <https://portal.pucrs.br/impacto/relatorio-de-sustentabilidade/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

RIBEIRO, Raimunda da Cunha; MAGALHÃES, António M. Política de responsabilidade social na universidade: conceitos e desafios. *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 42, p. 133–156, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SODRÉ, Muniz. *A Ciência do Comum. Notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2015.